

# **EMPREENDEDORISMO CULTURAL DE MULHERES QUILOMBOLAS DA SERRA DO EVARISTO EM BATURITÉ-CEARÁ-BRASIL**

**Júlio César Lopes de Oliveira<sup>1</sup>**

**Antônio Roberto Xavier<sup>2</sup>**

## **RESUMO**

Este estudo teve como objetivo identificar as práticas culturais e o empreendedorismo das mulheres quilombolas na comunidade Serra do Evaristo, na Macrorregião do Maciço de Baturité, Estado do Ceará. Inicialmente, apresenta-se como a comunidade quilombola se organiza a partir da participação das mulheres nos diferentes contextos, percebendo, assim, o papel da mulher quilombola para o desenvolvimento local. A comunidade quilombola Serra do Evaristo, situa-se a 9 km da sede do município de Baturité-CE. A comunidade possui suas representações sociais, compartilhadas nas mais diversas formas materiais e imateriais, como nas crenças, nos mitos, nos ritos e nos símbolos, e em que representam os grupos de habitantes, como a dança de São Gonçalo, a Capoeira, a produção de fitoterápicos, entre outros. O reconhecimento das expressões culturais Afro-brasileiras e africanas repousa em atividades que podem ser vistas no local da pesquisa, por meio de atividades como dança, capoeira, culinária, artesanato e em diversas outras expressões. Metodologicamente, esta pesquisa emprega como procedimento técnico o estudo de caso etnográfico, com abordagem qualitativa, cujas técnicas de coleta de dados e informações foram a observação, a entrevistas não diretivas recursos o imagéticos e tradição oral coleta. Quanto as técnicas de análise, utilizou-se a análise de conteúdo e do discurso narrativo sócio-histórico contextual. Os resultados adquiridos ao longo da pesquisa mostram que apesar dos diversos desafios enfrentados por essas mulheres, elas não desistem dos seus objetivos, sempre cultivando e divulgando as práticas culturais tradicionais de seus ancestrais e contribuindo significativamente na renda da sua família. Por fim, conclui-se que o empreendedorismo cultural das mulheres quilombolas da Comunidade Serra do Evaristo em Baturité, Ceará é de extrema importância, cultural, social e econômica, pois carregam em suas práticas o saber fazer as tradições e as marcas indelévels históricas de uma comunidade tradicional quilombola.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo Cultural; Mulheres Quilombolas; Serra do Evaristo; Baturité-CE.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Humanidades, Licenciado em História pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - Unilab

<sup>2</sup> Orientador. Doutor e Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Pós-doutor em Educação Pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Mestre em Sociologia (UECE); Mestre em Planejamento e Políticas Públicas (UECE); Especialista em História e Sociologia (URCA); Graduação em História (UECE); Graduação em Pedagogia (FAK). Professor permanente do Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (MASTS) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab); Professor Permanente do Mestrado em Planejamento e Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Professor do curso de Graduação em Administração Pública da Unilab. É Líder do Grupo de Pesquisa GPS (Gestão de Políticas Sociais) da UNILAB/ICSA/CNPq.  
Data de Submissão e Aprovação: 11/02/2022

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa trata sobre o Empreendedorismo Cultural de Mulheres Quilombolas, na comunidade quilombola Serra do Evaristo, que está situada a 9 km da sede do município de Baturité, na Macrorregião do Maciço de Baturité-CE. A comunidade tem cerca de 140 famílias, com aproximadamente 800 moradores. Esta, obteve em fevereiro de 2010 o reconhecimento oficial como quilombola, através da certificação da Fundação Cultural Palmares. Etnicamente, a comunidade possui suas representações sociais compartilhadas nas mais diversas formas, como nas crenças, nos mitos, nos ritos e nos símbolos em que representam os grupos de habitantes, como a dança de São Gonçalo, a Capoeira, a produção de fitoterápicos, entre outros.

**Figura 1-** Centro da comunidade



Fonte: Acervo do autor.

O Quilombo do Evaristo é a única comunidade quilombola situada nessa região do Estado. Fica em uma região de difícil acesso, com uma estrada bem estreita e íngreme, a qual dificulta bastante a locomoção de seus habitantes. Mas, mesmo assim, os habitantes desenvolvem suas práticas culturais, sociais, sustentáveis e econômicas. As mulheres quilombolas possuem um papel de protagonismo no desenvolvimento da comunidade. À frente dessas mulheres entra em destaque o nome bastante conhecido, não somente da comunidade do Evaristo, a Mestra de Cultura, que carrega com si práticas culturais, sociais e econômicas e que faz da comunidade um lugar com grande diversidade.

O reconhecimento das expressões culturais Afro-brasileiras e africanas repousa material e imaterialmente no local da pesquisa, na dança, na capoeira, na culinária, no artesanato e em diversas outras expressões.

Neste sentido, é racional indagar: o Brasil é um país cuja identidade cultural é, sobretudo Afro-brasileira/africana, porque, ao longo de sua construção e formação intelectual,

tentou-se negar esse fato primando-se por uma suposta ou falsa identidade cultural europeia? Vários são os pressupostos justificadores desta pesquisa. A começar por entender qual o papel da mulher quilombola para o desenvolvimento da comunidade da Serra do Evaristo? Qual o seu protagonismo dentro da comunidade nos diversos aspectos: culturais, sociais, econômicos e sustentáveis?

A primeira e mais incontestável justificativa é o interesse pessoal em razão da formação acadêmica e a consciência fortalecida em razão de uma realidade ontológica constatada: a sociedade brasileira tem em sua essência cultural o legado africano. E tais como a falta de políticas públicas visando o reconhecimento, a preservação e a atenção para as expressões culturais Afro-brasileiras na comunidade Serra do Evaristo.

Além de tais justificativas elencadas acima, a temática é importante, pois traz à tona sujeitos que, por diversos motivos, têm sua voz e seu lugar silenciados na história, a mulher quilombola. A tentativa histórica de ignorar a cultura afro-brasileira e africana pelo colonizador e seus sucessores dominantes é parte inerente e ideologicamente impregnada na formação da sociedade brasileira. Atualizando o pensamento de Buarque de Holanda (1995), é possível afirmar que a tentativa de implantação de uma cultura eurocêntrica em detrimento da formação afro-brasileira e também nativa (indígena) ainda é uma das maiores barreiras a serem superadas, ou não (XAVIER; MACHADO, 2017).

Partindo do objetivo principal de identificar as práticas culturais e o empreendedorismo das mulheres quilombolas na comunidade Serra do Evaristo em Baturité, Ceará, é relevante afirmar que, apesar de o Brasil ter sido construído pelas mãos de africanos escravizados e/ou negros libertos, este reconhecimento quase não existe ou resiste em não vir à tona diante de uma tentativa de implantação da cultura eurocêntrica na nação.

Deste modo, este estudo é mais um esforço na busca de apresentar como a comunidade quilombola se organiza a partir da participação das mulheres nos diferentes contextos. E, como isso, demonstrar sobre o papel da mulher quilombola para o desenvolvimento da comunidade, como também contribuir para o reconhecimento e para o autorreconhecimento cultural e sustentável dos moradores da comunidade.

## **2 METODOLOGIA**

Esta pesquisa trata-se de um estudo de caso etnográfico exploratório com abordagem qualitativa, cujas técnicas para geração de dados foram: observação, entrevistas não diretivas, recursos imagéticos, o diário de campo como instrumento e a tradição oral das

narrativas. Quanto as técnicas de análise, empregou-se a análise de conteúdo e do discurso narrativo socio-histórico contextual. Tais procedimentos possibilitam trazer à tona a história e a memória cultural de um grupo social. E a tradição oral faz esse bem se expandir, ganhando vez e voz, mantendo a riqueza cultural de uma coletividade, uma comunidade ou um grupo social. O cotidiano dessas comunidades é rico e revelador das culturas afro-brasileiras por meio de suas histórias que se tornam a principal ferramenta de transmissão e preservação da cultura em si (FERNANDES, et al, 2021).

Compreendemos que esses procedimentos metodológicos possibilitam a compreensão do objeto em estudo com maior profundidade, sendo-lhe atribuída abordagem qualitativa em relação ao objeto de estudo, “desta maneira tende a facilitar a compreensão de fenômenos sociais complexos, proporcionando visões amplas e significativas dos acontecimentos em análise, avaliações ou proposições” (SEVERINO, 2014, p. 104; CHIZZOTTI, 2011; GIL, 2008).

É necessário reconhecer com maior efetividade o arcabouço cultural formador da sociedade brasileira presente e latente nas comunidades tradicionais quilombolas, o qual sofreu e ainda padece de invisibilidade historicamente construída em torno de questões preconceituosas étnico-raciais e culturais afro-brasileiras. No caso específico do estado do Ceará, as questões étnico-raciais africanas são mais tensas ainda, pois giram em torno do mito já largamente espalhado de que no Ceará quase não houve a presença africana, sobretudo a escrava, tendo ideologicamente formado e difundido a falsa ideia de que no Ceará não tem/teve negros(as) (XAVIER; MACHADO, 2017).

Outras significativas contribuições dos africanos não são elencadas na literatura brasileira-eurocêntrica, a saber: “As tecnologias, costumes, estruturas políticas, econômicas e sociais trazidas pelos africanos não são devidamente reconhecidos e integrados à História do Brasil (CLARO, 2012, p. 9).

Deste modo, ao se falar de cultura é preciso ter em mente que cultura se refere a toda produção material e imaterial humana acumulada e preservada ao longo de suas histórias de vida e transmitida de geração em geração. O reconhecimento da cultura emancipa a pessoa e lhe proporciona liberdade. Mesmo após sua morte, a cultura preserva e traz à tona, através da memória, o legado histórico, a sua representação e o simbolismo (GEERTZ, 1973; SODRÉ, 1994; HOLANDA, 1995; XAVIER; XAVIER; LOPES, 2014).

É uma realidade histórica no seio da sociedade brasileira a existência patente de atitudes preconceituosas, discriminatórias, xenófobas e de desigualdades sociais gritantes em razão de cor, religião e/ou opção sexual. É também pressuposto básico e inegável de que o

país foi construído pela mão de obra africana, principalmente escrava, que não somente trabalhou, mas povoou e constituiu a seiva cultural da nação (FREYRE, 2000; CARVALHO, 2009; XAVIER; RIBEIRO, 2016).

Os recursos materiais utilizados foram: gravadores, máquina fotográfica, cadernos de campo. A abordagem em *lócus* se deu a partir de vistas da comunidade Quilombola Serra do Evaristo; as entrevistas foram com os sujeitos principais da pesquisa, mulheres quilombolas empreendedoras da comunidade.

Inicialmente, foi feito um momento com a Mestra de Cultura, por meio da qual obtivemos informações de extrema importância para a escrita desse texto, ou seja, para a pesquisa. A partir desse primeiro contato, ela fez um direcionamento para outras mulheres empreendedoras da comunidade, na culinária, no artesanato, na produção das plantas medicinais e na venda dos produtos na farmácia viva. Notou-se, ao longo da pesquisa, que as mulheres da comunidade, em especial as entrevistadas, são mulheres acolhedoras, que têm o maior prazer de contar a sua história de vida, dos seus trabalhos e da sua identidade como quilombola.

Para a construção desse texto, foram entrevistadas três mulheres empreendedoras, que têm seu papel de destaque na comunidade, que levam seus costumes e suas tradições enquanto mulher quilombola.

No livro “Olhares sobre a comunidade quilombola Serra do Evaristo trajetórias, descobertas e construções identitárias”, foi possível ter um olhar mais aprofundado sobre a comunidade, saber de suas histórias, descobrir sobre as trajetórias de mulheres quilombolas que participaram das escavações das urnas que foram encontradas na comunidade, até o seu desenvolvimento coletivo enquanto comunidade quilombola.

Segundo relatos de moradores, esta serra foi ocupada no final do século XIX. A comunidade tem como peculiaridade o fato de ser constituída de uma população predominantemente negra, cujo assentamento se deu provavelmente em cima de um cemitério indígena, conforme os estudos arqueológicos realizados em 2012, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). (BRAGA, 2021, p. 35)

De acordo com a temática escolhida, foram feitas leituras de diversas obras de seus respectivos autores. O referencial teórico é bem diverso, vai desde a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) até a Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003), que trata sobre a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

Uma das leituras importantes, e que servirá como base para a pesquisa é do artigo que foi publicado na revista da ABPN, dos autores prof. Dr. Antônio Roberto Xavier e prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado “História e memória de uma professora quilombola: vitrais biográficos, práticas educacionais e identificação étnico-racial”; neste artigo, dão protagonismo a uma educadora quilombola do Alto Alegre, além de trazer levantamentos importantes sobre a memória coletiva da comunidade, algo que vai ser propiciou para a temática pesquisa agora, dão ênfase à memória coletiva, é dar voz e vez às pessoas silenciadas, que tiveram benefícios negados, seja pela cor/raça, pela classe e pelo gênero.

### **3 COLETA DE DADOS/INFORMAÇÕES, DESCRIÇÃO E RESULTADOS**

A comunidade quilombola Serra do Evaristo está situada a 9 km da sede do município de Baturité, na Macrorregião do Maciço de Baturité- CE, 94 Km da Capital do Estado. A comunidade obteve em fevereiro de 2010 o reconhecimento oficial como quilombola, através da certificação da Fundação Cultural Palmares.

A comunidade está localizada em uma região de difícil acesso, constituindo um dos povoados de serra do município. A população vive principalmente do cultivo e da comercialização da banana. O acesso à localidade se dá por uma estrada estreita e íngreme, pavimentada em pedra tosca, com uma extensão de 9 km, saindo da sede municipal, passando pelas localidades de Beira Rio e Jordão (BRAGA, 2021).

**Figura 2 - Vista da entrada da comunidade**



Fonte: Acervo do autor.

Logo na estrada da comunidade são vistas pinturas de imagens que retratam a cultura afro-brasileira, e que é muito forte na comunidade. Essas pinturas estão espalhadas por toda a comunidade, com diversos desenhos e cores diversas. Em relação aos habitantes, possuem uma divisão entre as famílias: Bentos, Soares, Venâncios, Juliões e Leandros.

O empreendedorismo das mulheres da comunidade é de extrema importância, tanto cultural, social e econômica; carregam as tradições e as marcas de mulheres unidas e trabalhadoras. As mulheres na comunidade possuem o leque bastante variado da sua organização econômica e cultural, enquanto empreendedoras. Como empreendedorismo cultural tem-se que

A cultura é experimentada pelo coletivo de pessoas que compõe a organização e o processo de empreendimento. Torna-se impossível dissociar a cultura do processo de criação, pois a criação só acontece graças à ancoragem cultural, apesar da nova criação cultural ter que ir além dessa ancoragem, para renová-la de alguma forma imprevista ou inusitada. Uma boa parte das pesquisas sobre empreendedorismo cultural se detém sobre o processo de empreendedorismo no qual a cultura manifesta-se em processo de criação simbólica. (DAVEL; CORA, 2016,p.373).

As narrativas das mulheres, as quais serão identificadas por Quilombola I, II e III, falam das suas trajetórias de lutas enquanto mulher quilombola, do seu negócio como empreendedora e no quanto o seu trabalho contribui na renda da família.

### 3.1 Quilombola I

A mulher quilombola I é uma liderança e bastante conhecida não somente na comunidade, como em todo o município de Baturité e em outras comunidades quilombolas. Ela atua no ramo do empreendedorismo nas plantas medicinais e nas vendas dos produtos fitoterápicos, produzindo xaropes, pomadas, chás, tudo à base de plantas medicinais. No primeiro momento em sua casa, foi possível perceber a diversidade de plantas que ela possui em sua própria residência.

**Figura 3 - Quintal com plantas medicinais**



Fonte: Acervo do autor.

Essas plantas estão no canteiro da entrevistada, que conta com maior orgulho de como cuida das plantas, e no quanto essas plantas são importantes e cuidam dela, de sua família e dos moradores da comunidade. Ela fala das dificuldades enfrentadas, principalmente no período do verão, que é em relação à água, pois a comunidade não tem água encanada, e as principais fontes são as cisternas e as cacimbas.

Além das plantas que possui no quintal de sua própria casa, possui o outro local que tem uma variedade maior de plantas medicinais e que é auxiliada por um grupo formado por 10 mulheres e um assessor, a partir dessas plantas que estão localizadas próximo ao Ponto de Cultura, são feitos os produtos que são levados e vendidos na farmácia viva, que fica localizada em um prédio recém-inaugurado na comunidade. Toda semana a entrevistada vai com o grupo tirar água de uma cisterna para aguar as plantas.

Nos relatos, ela conta o quanto ela ajudou os moradores da comunidade durante a Pandemia da Covid-19 com os seus produtos derivados das plantas medicinais, segundo os seus relatos,

Durante a Pandemia forte mesmo em 2020, morrendo muita gente, aqui no Evaristo, graças a Deus ninguém não morreu, mas tivemos contaminados, os que não precisaram ir para médicos em Baturité, eu confiei mesmo em Deus e na Fé do povo que vieram procurar plantas medicinais, quando a pessoa estava tossindo, garganta inflamada, febre, os pessoal me procurava, ligava pra mim porque ninguém podia ir na casa de ninguém, Socorro tem xarope, tia Socorro, as plantas que a senhora tem ai, dá pra fazer um chá, me ajudar. Tive que pedir a inspiração de Deus, do Espírito Santo e ai deu certo, ai a gente recolheu as plantas, e mandava para este povo, mas era um povo que pegou forte mesmo, mas foi através do chá, do nosso xarope que o pessoal foi se reestabelecendo a saúde. (Mulher Quilombola 1).

Durante esses relatos, foi notório perceber a emoção da entrevistada, em saber que ajudou o seu povo nesse período tão difícil vivenciado atualmente. Ao longo da entrevista, ela relatou que possui assistência da Cetra – Centro de Estudos e de Assessoria ao Trabalhador. Essa instituição acompanha na produção de fitoterápicos, através dos técnicos, que trabalharam com o grupo formado pelas 10 mulheres durante três anos. E conta que o grupo com auxílio da Cetra continua a luta para que possam adquirir um selo e, com isso, vender os produtos para fora do Estado. Em relação às vendas, ela conta que são

“vendidos pra outras comunidades, até para Fortaleza, para mais longe a gente só não mandou porque não temos um selo, que nós estamos trabalhando com esse pessoal da Cetra para poder adquirir esse selo para vender para fora do Estado. Porque até Fortaleza vai porque lá não pega voou essas coisas, né. Não tem ninguém para avaliar o remédio” (Mulher Quilombola 1)



Dentro da própria comunidade e das vizinhas, segundo os relatos da entrevistada, “o pessoal usa muito mesmo, principalmente o xarope e a pomada, e agora vamos trabalhar com os chás também. Nós recebemos dessa instituição, a Cetra através de um projeto, uma máquina que ela esteriliza todas as plantas e seca”.

**Figura 4 - Desidratadora**



Fonte: Acervo do autor.

A mulher quilombola I conta que vieram professores dessa instituição chamada Cetra, passaram o dia explicando como se utiliza esse equipamento, “eles ensinaram como usar essa desidratadora de plantas, ensinou tudinho, os graus, a temperatura; menino, foi um dia muito importante, eu nunca tinha visto. Ai nós recebemos desse projeto que nós fizemos, e estamos com ela lá.” Além da desidratadora, receberam também uma placa e também uma balança para pesar. Tudo isso através desse projeto da Cetra. Esse equipamento já está na farmácia e já foi feito o primeiro produto através do seu uso.

**Figura 5 - Ervas desidratadas**



Fonte: Acervo do autor.

Essa foi a primeira demonstração com o uso do novo equipamento, pois receberam agora no final ano, e não foi feita nenhuma desidratação em plantas devido ao verão não contribuir muito com as plantas, e por não ter água o suficiente para aguar todas as plantas.

A mulher quilombola I conta que o grupo está em busca de mais projetos para adquirir mais equipamentos para a farmácia, pois é necessário. Além dos saberes tradicionais dos cuidados com as plantas medicinais e com a produção dos produtos fitoterápicos, economicamente falando, ela é uma liderança cultural da comunidade. Mestra de cultura, enganchada nas lutas pelo reconhecimento da comunidade como Comunidade Quilombola, ela carrega os seus saberes e as tradições que são conhecidas e reconhecidas dentro e fora da comunidade.

Possui um forte papel de mulher quilombola guerreira, que sabe o que quer e representa a comunidade da melhor forma possível, atualmente suplente do Conselho Municipal da Mulher de Baturité, já participou de congressos do MST e para a Marcha das Margaridas em Brasília. É uma das Guias da Dança de São Gonçalo, dança tradicional e muito presente na comunidade, feita como forma de agradecimento, principalmente pelo retorno da água na comunidade.

### **3.2 Quilombola II**

A segunda entrevistada é responsável pela venda dos produtos fitoterápicos na farmácia, como também é uma das mulheres que fazem o trabalho voluntário de receber as visitas e de fazer a limpeza do Museu Comunitário. Ela conta que estão fazendo um curso para a farmácia ter um CNPJ e assim vender os produtos para fora.

Relata que os produtos são muito vendáveis e, por conta disso, tem muitos que estão em falta, principalmente por, no final do ano, terem vindo para a comunidade muitas pessoas passarem as festas e terem comprados os produtos que estavam à venda.

Antes de existir a farmácia, ela vendia os produtos feitos pela Mulher Quilombola I em sua casa, e que os produtos enquanto mais velhos, melhores ficam. Esses produtos são vendidos há muito tempo na comunidade, produzidos pela Mulher Quilombola I há mais de 25 anos.

**Figura 6** - Farmácia chamada Espaço Comunitário de Saúde Alternativa



Fonte: Acervo do autor.

Este espaço foi reinaugurado recentemente, é o local em que são colocados os produtos fitoterápicos à venda. Dentro do local estão a desidratadora, a balança, os livros e todos os produtos feitos através das plantas medicinais pela Mulher Quilombola I.

**Figura 7**- Produtos fitoterápicos



Fonte: Acervo do autor.

Foi possível perceber através da primeira imagem que os produtos são bastante vendidos, justamente por isso, que muitos destes estão em falta. Na oportunidade, realizou-se a compra do produto da segunda imagem juntamente com o Gelou. Os preços também variam de produtos, vai de R\$ 8,00 a R\$ 12, 00.

Nos relatos também ficou clara a importância de se preservar essa tradição que é tão antiga e importante, economicamente, culturalmente e socialmente na comunidade. Antes da pandemia existia um projeto na Escola Osorio Julião em que eram trabalhadas as questões culturais, a dança de São Gonçalo, a produção de remédios naturais e que culminava na semana da Consciência Negra, data tão importante para o Brasil e que movimenta todos os moradores da comunidade.

### 3.3 Quilombola III

Outro ponto tão importante economicamente na comunidade é a culinária. A Mulher Quilombola III é responsável, junto com outra moradora da comunidade, por fazer comidas típicas da comunidade para as pessoas que vêm para a comunidade para visitar o Museu Comunitário.

O momento da entrevista foi tranquilo, assim como as outras anteriormente, as mulheres quilombolas da Serra do Evaristo são acolhedoras, gostam de conversar e também de ouvir, povo simples e gentil, que tem o prazer de falar/contar as suas histórias de vida e os costumes.

A Mulher Quilombola III também é bastante conhecida, é uma cozinheira de mão cheia, como foi relatado pelas entrevistadas anteriormente. Na entrevista, ela conta que faz as suas comidas para os visitantes quando é comunicada antes, como também para diversos eventos.

Faço comidas para os eventos, aniversários, casamentos, batizados, para os alunos da Unilab, faço as comidas que eu sei, típicas da comunidade. Mas no final de semana eu faço Panelada pra mim mesmo, tenho um barzinho lá em cima. Final de semana eu faço panelada, os clientes vem me procurar pra vender. (Mulher Quilombola III).

Ela faz as comidas sozinhas para os visitantes que, muitas das vezes, são da Unilab; ela faz na casa do Evandro, professor e atualmente Presidente da Associação da Comunidade. Ela prefere fazer na casa dele por ser mais espaçoso e bem mais próximo do Museu Comunitário. O cardápio é composto por frango, galinha caipira, panelada, mungunzá e comidas típicas da comunidade, como a feijoada.

As mulheres entrevistadas têm a história de vida bastante semelhantes, mulheres que preservam a sua cultura, que carregam seus costumes, suas tradições e que entram no mercado para poder ajudar na renda da família.

Foi notório perceber, ao longo das entrevistas, que, através do empreendedorismo, das suas práticas, essas mulheres conseguiram contribuir significativamente não somente na parte econômica, mas trouxeram à tona as suas culturas e deram visibilidade ao legado deixado pelos seus ancestrais.

**Figura 8** - Pintura nas paredes das casas



Fonte: Acervo do autor.

Percebe-se, com isso, um valor econômico e cultural que tem essas tradições, e se lançada uma semente aos mais jovens, isso se tais práticas tradicionais da comunidade quilombola forem ensinadas na Escola local em forma de um projeto, essa cultura se manterá sempre viva. Que, independentemente das dificuldades enfrentadas, essas mulheres jamais desistiram dos seus objetivos, das suas culturas e das suas raízes.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa proporcionou identificar o empreendedorismo e as práticas culturais das mulheres quilombolas da comunidade Serra do Evaristo em Baturité, Ceará. Por meio do recurso metodológico da história oral e da pesquisa de campo, das técnicas da observação e das entrevistas, foi possível compreender o papel da mulher quilombola para o desenvolvimento econômico e cultural da comunidade, e no quanto o empreendedorismo cultural é importante na vida dessas mulheres.

Apesar das dificuldades enfrentadas por essas mulheres, elas jamais desistiram dos seus objetivos, sempre com muito esforço, com a dedicação e com a união da sua família diante da comunidade, conseguiram desenvolver as suas habilidades enquanto mulher quilombola e empreendedora.

Por fim, percebeu-se que as mulheres da comunidade quilombola Serra do Evaristo são protagonistas de suas histórias, e que, apesar das diferenças, elas cultivam e preservam as tradições da comunidade e mantêm vivas as raízes que foram deixadas pelos seus ancestrais.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, Elza Maria Franco. **Olhares sobre a comunidade Quilombola Serra do Evaristo: trajetórias, descobertas e construções identitárias**. Fortaleza: Expressões Gráfica e Editora, 2021.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. (Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro- Brasileira", e dá outras providências). **Diário Oficial da República Federal**. Brasília, 9 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 13 fev. 2022.

BRASIL. República Federativa do Brasil. **Constituição**. Senado, Brasília, 1988.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. 26. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARVALHO, Juvenal de. **Brasil, África e Atlântico Sul**. Salvador: FTC EAD, 2009.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CLARO, Regina. **Olhar a África: fontes visuais para sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Hedra Educação, 2012.

DAVEL, Eduardo; CORA, Maria Amélia Jundurian. Empreendedorismo cultural: cultura como discurso, criação e consumo simbólico. **Políticas Culturais em Revista**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 363-397, 2016.

FERNANDES, Francisca Naiara Pinheiro et al. TERRITÓRIO E IDENTIDADE QUILOMBOLA EM SÍTIO VEIGA, QUIXADÁ, CEARÁ. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 13, n. 37, p. 372-389, ago. 2021. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1216>>. Acesso em: 29 jan. 2022.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **Revista internacional de direitos humanos**, [S.l.], v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. 17. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

XAVIER, Lisimére Cordeiro do Vale; XAVIER, Antônio Roberto; LOPES, Kátia Cilene Ribeiro. “Cultura Viva” no contexto do imaginário do desenvolvimento brasileiro: arte, educação e cidadania. In: VASCONCELOS, José Gerado; MOTA, Bruna Germana Nunes; BRANDENBURG, Cristine (orgs.) et al. **Filosofia, Cultura e Educação**. –Fortaleza: Edições, UFC, 2014.

XAVIER, Antônio Roberto; MACHADO, Charliton José dos Santos. História e memória de uma professora quilombola: vitrais biográficos, práticas educativas e identificação étnico-racial. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 9, n. 22, p. 332-348, jun. 2017. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/221>. Acesso em: 25 jan. 2022.

XAVIER, Antônio Roberto; RIBEIRO, Luís Távora Furtado. Cultura Brasileira (...1750): concepções e discussões. **Educare: Revista Científica do Colégio Militar de Fortaleza**, Ceará, Ano 5, n. 6, p. 148, out. 2012. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/14786084/educare-colegio-militar-de-fortaleza>. Acesso em: 23 fev. 2022.